



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

“NOIS FAIS A MURINGA, A PANELA, O POTE, O PRATO”. A PRODUÇÃO ARTESANAL DE LOUÇAS COM ARGILA NA COMUNIDADE RURAL DE SÃO MIGUEL, CAETITÉ, BA

Carlos André Cotrim dos Santos ¹

Resumo: Esta pesquisa procura registrar e analisar a produção artesanal de louças na comunidade de São Miguel, as técnicas artesanais e sua significância quando da modelagem tradicional de utensílios com argila. O estudo é desenvolvido com aportes na Etnográfica e metodologia da História Oral. As fontes consultas foram produzidas no diálogo com os moradores da localidade e através de observações de campo. As conversas, os relatórios e imagens, permitiu observar no artesanato de barro, o empenho artístico de relevância cultural. Os estímulos corporais, caso do tato, visão, audição são explorados durante a modelagem, sendo esse estudo, oportuno para refletirmos acerca de práticas educacionais utilizando a modelagem com argila.

Palavras-chave: Loiceiras; Loiças; Cultura; Modelagem.

Introdução

Este texto apresenta resultados obtidos em pesquisa desenvolvida junto à comunidade Rural de São Miguel², Município de Caetité³. Há alguns anos desenvolvi estudo junto à comunidade negra de Palmital, essa última localizada a cinco quilômetros da comunidade de São Miguel, foco atual dessa investigação. Em ambas, constatei a produção artesanal de louças com argila, em São Miguel encontrei pessoas que executam nos dias atuais, a produção a modo artesanal, são conhecidas como louceiras⁴.

Ao chegar a São Miguel encontrei quatro famílias, que desenvolvem os artesanatos de barro. Notei que grande parte dos moradores dessa comunidade, detém o saber fazer, manifestam isso aos seres convidados a lembrar, no entanto, a frase “já fiz

¹ Licenciatura em História, pela UNEB. Contato: carlosandrecte16@gmail.com.

² Comunidade localizada na zona rural do município de Caetité-Ba, com distância de aproximadamente 18 km, essa localidade vincula-se ao povoado de Santa Luzia.

³ Município baiano, localizado a 740 km de Salvador, Região Sudoeste da Bahia.

⁴ A palavra louceira não foi encontrada com significado preciso, é comum em localidades onde se realiza a produção artesanal com argila, sendo sua significante relativa a aquelas que fazem a louça de barro.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

loíça, mais não faço mais”⁵ se repete a cada residência visitada. Existe ali, declínio considerável quanto à produção de louças com argila.

Diante desse panorama, procurei desenvolver um projeto objetivando estudar a localidade. A pesquisa é desenvolvida com aportes da Etnografia e metodologia da História Oral. As fontes são entrevistas, relatórios das visitas, anotações quanto ao linguajar da comunidade, mapeamento, fotografias, localização de documentos escritos, visita a comunidades vizinhas, visita às instituições de ensino próximas ao local de estudo.

Sobre a metodologia, venho apostando nos ensinamentos de (GEERTZ, 2008), relativos à etnografia, para esse autor, o pesquisador deve desenvolver a descrição dos fatos por ele vistos, enquanto condicionante que explique de modo epistemológico determinada ação realizada pelos sujeitos, “descrição densa”⁶. (PORTTELI 2010) esse ensina que História Oral revela posicionamentos dos sujeitos, sua concepção de mundo, ideologias, escolhas, valorizando o sujeito e suas memórias.

A escolha metodológica mostrou-se produtiva na investigação, provocando desgaste à relação de superioridade, desconfiança, que geralmente ocorre, quando convidamos sujeitos a narrarem suas memórias. Desse modo, com (GEERTZ, 2008) e (PORTTELI 2010), posso considerar os sujeitos dessa pesquisa, as louceiras a partir de suas ações e falas ambas (ações e falas) revelam escolhas, emoções, sentimentos, que são relativas à concepção de mundo desses sujeitos.

Este estudo encontra-se em desenvolvimento, com investidas a campo, leituras, e análise de narrativas e relatórios, por isso, o leitor sentirá falta das narrativas discursão que envolveria memórias, não oportuna para os limites desse texto. O leitor tomara conhecimento das etapas da produção artesanal de louças na comunidade de São Miguel, e a significância da cultura do barro na localidade. Por fim, uma rápida explanação referente a práticas de ensino, recorrendo à modelagem com argila.

As etapas de produção do artesanato com barro na comunidade de São Miguel

⁵ O trecho é resultado de conversa com um morador da localidade, por não ter sido autorizado a divulgar seu nome, preservarei sua identificação.

⁶ Cf., (GERTZ, 2008)

A produção da *loiça*⁷ exige algumas etapas a ser cumpridas pela *loiceira*⁸, compreende a retirada da argila, tipo específico da argila, seu transporte feito em carros de bois, a preparação da massa para modelar os objetos, os cuidados durante a modelagem das loiças. A fase de modelagem exige muito treino, paciência e perícia, para que tais objetos alcancem perfeição no seu formato. Além dessas etapas anteriores, a louça passar pelos enfeites com o corante⁹, e queima¹⁰, quando as louças alcançarão resistência.

Figuras 1. Loiças de barro produzidas por mulheres na comunidade São Miguel.



Loiças após a modelagem (Arquivo do autor)



Loiças após processo final de queima (Arquivo do autor)

As conversas que realizei na localidade, mim fez deduz que, a loiça nessa localidade esta presente desde tempos imprecisos, como informa uma loiceira; “*mãe nossa não insinô nós fazer loiça não, quem insinô foi a vô nossa*”¹¹. Na localidade, as loiças auxiliam no armazenamento de água, cozimento dos alimentos, bem como são vendidas nas feiras da região, é um artesanato de subsistência.

Notei presença de objetos de uso doméstico modelados com barro no interior das residências, panelas, copos, xicaras, bule, pratos, moringas, potes. Essa constatação é

⁷ Nome dado aos objetos produzidos pelas loiceiras. Linguagem da localidade

⁸ Pessoa responsável por fazer as loiças. Linguagem da localidade.

⁹ O corante é um tipo de tinta preparada pelas loiceiras, por meio da mistura de barro vermelho com água doce.

¹⁰ Também conhecido na localidade enquanto “queima”, consiste em levar os objetos ao fogo por algumas horas, para eliminar toda umidade, provocando rigidez máxima do barro.

¹¹ D. F. dos Santos. 14/ 04/2019. Caderno de campo.



justificada com orgulho na fala de D.F. Santos: “*nóis fais, a muringa, a panela, o pote e prato*”.¹²

Após estudo desenvolvido junto à louceiras da cidade baiana de Barra (COSTA, 2007) informa que as referencias quanto à feita de louças na região não é recente, sendo que o mesmo autor nos chama a atenção para a reminiscência de alguns elementos indígenas, a saber, a cultura de produzir objetos artesanalmente, bem como a histórica presença de elementos indígenas na cultura nordestina. (COSTA, 2007, p. 02) informa:

A fonte bibliográfica mais antiga, que faz referência à produção cerâmica do município de Barra, remonta aos anos 50 do século passado. Naquela ocasião, esteve na Barra o escritor baiano Carlos José da Costa Pereira³ que além de produzir dois livros de comensurável importância para que se conheça a história da cerâmica produzida na Barra, também fez o registro, em fotografia e em desenho, das peças produzidas naquela ocasião, no povoado de Caatinguinha, localidade extremamente pobre, às margens do rio, onde havia uma produção oleira utilitária, com características indígenas, realizada por mulheres. (COSTA, 2007, p. 02).

Em São Miguel, a loiça começa a ser pensada quando é retira o barro, que por sinal, não é qualquer barro. “*nóis pega o barro na lagoa de [nome de pessoa], lá nóis não precisa comprar, ezi dá, e o barro lá é bom*”. O barro bom é o massapé branco, solo característico das lagoas da região. Após ser transportada, a louceira prepara a massa que é um bolo de barro umedecido com água doce.

Logo em seguida parte para o cuidadoso trabalho de desenvolver base e as laterais da loiça. Nos casos de modelagem de muringas, é exposta ao sol, e após secagem natural é acrescentado o gargalo e os enfeites com tinta natural. O próximo passo é realizar a queima das loiças, quando o barro é aquecido objetivando eliminar possíveis umidades e assim alcançar resistência e tom.

Significados culturais da produção artesanal com argila em São Miguel

¹² Idem nota anterior.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

A produção artesanal por hora existente na comunidade de São Miguel apresenta elementos artísticos oportunos no entendimento da cultura desses sujeitos. Considero justa a proposição de (MENDES, 2004, p. 14):

[...] fazer louças de barro não é uma atividade que possa ser entendida apenas do ponto de vista comercial. Quem realiza trabalhos dessa natureza cria conceitos sobre si mesmo, adquire status de artista, por estarem em um contexto cultural e simbólico próprio. Portanto, a produção de louças envolve saberes e fazeres, significados e visões de mundo que são passadas de gerações em gerações, pelas famílias artesanais.

O conceito de cultura oportuno para essa discussão é ensinado por (GEETZ, 2008, p. 04) segundo suas considerações desse antropólogo.

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Dessa feita, meu questionamento foi: quais os significados culturais possíveis de ser absolvidos na experiência com as loiceiras de São Miguel? No tópico anterior, observei que o artesanato de São Miguel aparenta subsistência, esse entendimento foi necessário para interpretarmos os significados culturais presente na localidade. Nas palavras de (Santos, Medeiros, Castro, 2017, p. 103).

Em relação ao trabalhar com o barro, existe uma tradição, uma cultura do barro, que está ligada de forma direta aos agentes produtores de cerâmica e à transmissão de conhecimento popular que é passado de forma oral e empírica. A “cultura do barro” é um fenômeno que relaciona a produção de cerâmica com alguns aspectos existentes na sociedade, pois o trabalho com o barro também movimenta de forma influente os sistemas internos da sociedade, como por exemplo, o sistema econômico, político e social.

As louças que são produzidas na localidade em estudo, apresenta ao público o sujeito que a produziu, as louças é o meio pelo qual essas pessoas se comunicam, apresentam suas concepções de mundo, sua relação com a natureza, a vida que lhe é interessante, algumas memórias, expondo suas concepções ideológicas enquanto sujeito, expressas nas narrativas artísticas quanto ao seu existir.



Não tendo o domínio da escrita gráfica, assumem condição de artistas, desenvolvem códigos linguísticos não escritos, pelos quais narra seu pertencimento a um lugar, modelando questões de vivencia. (AMARAL, 2012) conceitua essa prática, enquanto “cerâmica Popular”¹³, quando os artigos produzidos por um grupo social com realidade especificam tem objetivos e finalidades, os sujeitos usam de suas percepções populares.

Atentas às suas realidades, essas loiceiras reproduzem suas vivencias com o lar, ao tempo que se impõe, assumindo a condição de protagonistas da modelagem. São responsáveis pelas loiças usadas no lar e no sustento da família por hora da comercialização, e demonstram profundo conhecimento dos elementos naturais da região habitada. Segundo (MENDES, 2004, p. 107).

Para que possamos compreender a visão de mundo de quem produz tais peças, é necessário entendermos suas condições de vidas, de produção, o significado de seu uso e o seu conteúdo simbólico. Afinal, a cultura de um povo também é composta de ações, concepções e ideias de que se expressam concretamente. Ou seja, não podemos considerar a produção decorrente da atividade com o barro sem levarmos em conta as questões sócias históricas, onde ela se realiza.

Analisando as peças de loiças produzidas em São Miguel, suspeito ter chegado a algumas condicionantes, a saber: (1) narram por meio de símbolos artísticos expressando raciocínios lógicos; (2) os saberes artísticos são aprendidos por meio da tradição familiar, (3) Cada loiceira é única devido a sua capacidade individual de raciocínio. Nas palavras de (SANTOS, MEDEIROS, CASTRO, 2017, p. 107).

A funcionalidade e os valores das cerâmicas utilitárias são aspectos concebidos pelo produtor antes mesmo da confecção do utensílio, direcionando-o no modo de fazer os utensílios, atribuindo assim já a sua utilidade. Tais concepções são produtos de um aprendizado, que por sua vez são resgatados pela memória armazenada. São essas memórias armazenadas que orientam os produtores nos seus atos, nos seus comportamentos técnicos. Tudo isso também resulta por conta de um contexto social do qual o agente produtor sempre esteve relacionado de forma a ter uma vivência diária desde o início da lida com o barro, absorvendo dessa forma os valores.

Na vivencia dessas loiceiras em São Miguel, parece simbolizar dois vetores (subsistência e existência). Todo o processo de produção das loiças é feito evitando

¹³ Cf.,. Texto de (Santos Medeiros e Castro).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

excesso à natureza, dela retira-se apenas o necessário. Desse modo, a produção de loiça na localidade esta atrelada a visão de mundo dos sujeitos atuais, por decorrência da relação de aprendizado, oportuna aos posicionamentos desses sujeitos.

Práticas de ensino e a valorização da cultura de um povo

Recorrendo a bibliografias sobre a cultura com o barro e práticas de ensino, observei que os temas vêm sendo abordados por diferentes pesquisadores, interessados em expandir a temática aos demais educadores. A educação é oportuna à valorização e preservação cultural, podendo apresentar resultados significativos. As práticas de ensino devem ser pensadas junto a algum aspecto cultural, de modo que esses últimos possam ser experimentados pelo educando e educador.

Provoco a discussão abordando a modelagem com argila em sala de aula, e considero a produção de loiças da comunidade de São Miguel com potenciais a serem explorados nas práticas de ensino cujo recurso seja a modelagem com argila.

A seguir reproduzo parte da narrativa de uma loiceira da comunidade de São Miguel após ministrar oficina de modelagem com argila em uma escola do município de Caetité.

“Nóis foi um dia trabaia lá numa escola de caetité, aquela iscola é iscola de gente rico, quando nósis chego lá, mais os minino féis uma roda in volta de nósis, e cumeço a priguntar, um pidia um punhado de barro, dexa eu fazer tamém tia, priguntava, eu posso quema no forno do fugão? Eu falei pode...”¹⁴.

É pertinente apontar nessa narrativa, a relação que envolveu loiceira e escola, percebo satisfação por parte da narradora, ao ser valorizado pelo olhar atentos das crianças e suas perguntas curiosas. Suponho que essas crianças passaram por uma experiência inédita em suas vidas, não sendo diferente por parte das loiceiras.

Em seu estudo, (MENDES, 2016), enfatiza as potencialidades da arte com argila em sala de aula para o processo de ensino aprendizagem com alunos do ensino fundamental, segundo informa (MENDES, 2016, p. 02-03).

¹⁴ D. F. Santos; Caderno de campo 04/06/2019.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

A arte é apresentada na sociedade como uma área de conhecimento que teve um grande percurso para ser reconhecida institucionalmente como sendo uma disciplina. Dessa forma é fundamental que se trabalhe as Artes Visuais na sala de aula, realizando sempre uma reflexão sobre sua importância no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dos estudantes por meio das diversas linguagens artísticas existentes, identificando e demonstrando como o estudante pode se desenvolver na aprendizagem das Artes Visuais em especial da Modelagem.

No caso supracitado, objetiva-se a prática explorando o tato, visão, audição, oportuna para a cognição do aluno, alargando os resultados para a personalidade, criatividade e sensibilidade do educando. Habilidades significativas como a sensibilidade à diversidade de linguagens e situações sociais.

Como nos ensina (INGOOLD, 2015), as experiências de mundo são oportunas ao aprendizado humano, possibilitando aprender na relação experimental no mundo. Nessa mesma perspectiva (MENDES, 2016, p. 04), informa:

“Durante sua vida, o estudante busca explorar tudo o que o rodeia por meio do tato, ou seja, da manipulação dos objetos que aguçam sua curiosidade e nós como professores, devemos valorizar essa curiosidade buscando desenvolver atividades que instiguem essas características. A modelagem por sua vez é basicamente sensorial, podendo ser trabalhado por meio de diversos materiais, sua abordagem permite a melhora da motricidade do estudante assim como sua capacidade de criatividade”.

Em estudo dissertativo, (VIEIRA, 2016, p. 21), afirma que, “A arte é por si só, educacional, mas se falamos da interdisciplinaridade do barro, falamos da matemática, das ciências químicas, físicas e biológicas, da língua portuguesa, da geografia, da história”.

Seguindo (VIEIRA, 2016), é necessário substituir a trilogia, (aluno, escola, conteúdo), por (aluno, escola e mundo). Desse modo, podemos deduzir que a modelagem potencializa o aprendizado a partir da interação entre o aluno e aquilo que vê, ouve, toca.

Nas palavras de (VIEIRA, 2016, p. 130).

“Para se ter um ensino de artes com qualidade, deve-se ter a consciência de que existe um ciclo formado por criança, escola e mundo. E que esses componentes do ciclo devem interagir constantemente buscando o fazer, a fruição e a contextualização. Quando o ensino da arte utiliza a cerâmica como meio de



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

representação dos pensamentos, ela e seus processos de construção evocam vários sentidos que facilitam e completam a expressão, o significado e a interação.”

Essa autora alerta-nos para a corporificação que pode ser alcançada em sala de aula por intermédio da interação corpo e objetos.

Quanto à corporificação da cultura por meio da educação, (VIEIRA, 2016) apresenta avanços significativos, segundo nos é informado:

“Nesta pesquisa, o resultado são crianças que sentiram o barro entre os dedos. Modelaram, se sujaram, se limparam, conversaram, criaram, ocaram, secaram, queimaram, expuseram e ensinaram. Produziram e estudaram. Criticaram, deram opiniões. Aprenderam! E depois ensinaram o que aprenderam. Passaram por todas as etapas de fazer cerâmica. O barro é uma matéria particularmente de criação tridimensional, estimula os sentidos. Ele tem temperatura, cheiro, cor, corpo e temperamento. Ele nos remete à infância, ao mexer na terra, à construção de formas”. (VIEIRA, 2016 p. 25).

Os relatos bibliográficos mencionados destacam várias potencialidades no ensino com as artes decorrente da modelagem com barro. Em ambos os casos, os resultados foram significativos, obtidos a partir de práticas de ensino que valorizaram a cultura do barro.

Considerações Finais

Recorrendo aos campos metodológicos da etnográfica e História Oral, constatei que as loiças produzidas artesanalmente por mulheres em São Miguel, possuem significados culturais, observáveis durante o processo de modelagem, caracterizada pelo instigante modo de narrar suas existências e vivências com singularidade artística característica da localidade. As subjetividades desses sujeitos se manifestam nas suas práticas e saberes oportunos para a compressão dos diversos sujeitos alto sertanejos. Elementos culturais de origem indígena puderam ser constatados por esta investigação. Notei que esses sujeitos aprendem partindo da experiência com o vivido, por meio de sua percepção no mundo, elaboram explicações quanto a suas existências.

Referências

Anais do V Seminário Interdisciplinar de Ensino, Extensão e Pesquisa, Caetité, Bahia, Brasil, agosto, 2019.
ISSN: 2447-2328 Disponível em: <http://revistas.uneb.br/index.php/apafirma/sieep>



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

AMARAL, DM, **Loiça de barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arqueologia. USP, São Paulo. 2012.

COSTA, Carla Cristina Coelho, **A Cerâmica da Barra: processo de manufatura, decoração e queima**. Revista Ohun, ano 3, n. 3, p. 1-36, set. 2007.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - I. ed., IS. Reimpressão. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INGOLD, Tim. **O Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção**. Horiz. Antropol, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. **Remodelando Tradições: os processos criativos e os significados do trabalho artesanal entre as louças do Córrego de Areia**. Fortaleza CE. 2004.

MENDES, Nelci Bento Garcia. **Modelagem em argila com estudantes do nono ano do ensino fundamental: valorizando a cultura indígena**. Londrina, 2016, p. 01-25.

PORTELLI, Alessandro. **Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral**. In: **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SANTOS, Ronaldo José, MEDEIROS, Ricardo Pinto de, CASTRO, Viviane Maria Cavalcante de. **Estudo etnoarqueológico da cerâmica utilitária do município de Tracunhaém, Pernambuco**. Pernambuco, 2017, p. 100-129.

VIEIRA, Cleide Aparecida, **DESENVOLVER-SE NO BARRO: A Contribuição das Aulas de Cerâmica às Crianças Ensino Fundamental II**. Uni nove, 2016.